

Glauca Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre Inclusão



Atena
Editora
Ano 2019

Glaucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre Inclusão

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof^a Dr^a Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D536	Diálogos sobre inclusão [recurso eletrônico] / Organizadoras Glauca Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Diálogos Sobre Inclusão; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-362-0 DOI 10.22533/at.ed.620192805 1. Brasil – Condições sociais. 2. Desenvolvimento social. 3. Integração social. I. Wesselovicz, Glauca. II. Cazini, Janaina. III. Série. CDD 361.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A obra “Diálogos sobre Inclusão” foi concebida para cumprir a função de apresentar conteúdos essencialmente informativos e formativos sobre Inclusão Social e Profissional, direcionado àqueles que precisam compreender as bases – históricas, conceituais, organizacionais e legais dos Direitos Humanos. O volume I apresenta 26 capítulos que abordam os vetores da promoção humana como: Família, Sociedade e Tecnologias.

“Incluir socialmente é dar e garantir condições para que uma pessoa possa, de maneira livre e independente, ter o mesmo acesso que outras aos serviços e benefícios da vida em sociedade. Mas não basta pensar a inclusão social apenas sob a ótica das necessidades e simplesmente criar mecanismos ou facilidades compensatórias aos excluídos. É preciso ir além, mais que uma reforma, é preciso uma revolução no modo como enxergamos o excluído, que não deve ser objeto de pena ou dó e sim de respeito e consideração como ser humano e cidadão que é” (ALMEIDA, 2016)

A Declaração Universal dos Direitos humanos - marco histórico - inspirou as nações para o envolvimento em prol dos movimentos sociais de enfrentamento da discriminação e exclusão social de minorias, tornando-se referência para o desenvolvimento de Pactos e Convenções norteadoras da promoção humana no mundo.

Contudo, nós acreditamos, que esta coletânea irá inspirar e encorajar, Profissionais, Educadores e sociedade em geral a refletir sobre todas as possibilidades que o seu meio social, núcleo familiar e atitudes individuais podem minimizar as desigualdades e promover o desenvolvimento social igualitário.

Glaucia Wesselovicz
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL	
Ernny Coêlho Rêgo Marinina Gruska Benevides	
DOI 10.22533/at.ed.6201928051	
CAPÍTULO 2	12
ANALISANDO A PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO HETERONORMATIVA DA MASCULINIDADE	
Arthur Furtado Bogéa Iran de Maria Leitão Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.6201928052	
CAPÍTULO 3	23
O DIREITO À DISCUSSÃO DE TEMÁTICAS PERTINENTES À ESFERA SOCIAL E À PRODUÇÃO DO TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO: UM PROCESSO DE LETRAMENTO ESCOLAR E PRODUÇÃO TEXTUAL NA EJA	
Ferdiramar Farias Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.6201928053	
CAPÍTULO 4	33
O SILÊNCIO: SUTIL LEGITIMIDADE DA VIOLÊNCIA SOBRE A EXISTÊNCIA LÉSBICA	
Mariluce Vieira Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.6201928054	
CAPÍTULO 5	44
ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO: O DIREITO DE APRENDER	
Osiolany da Silva Cavalcanti Gloria Maria de Sousa Leitão Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6201928055	
CAPÍTULO 6	52
PERSPECTIVAS E DESAFIOS DO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM EM EJA: UM OLHAR SOBRE O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA EJA NO MUNICÍPIO DE SOLEDADE-PB	
Edivânia Paula Gomes de Freitas Leandra da Silva Santos Maria José Guerra Meiryllianne Suzy Cruz de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.6201928056	
CAPÍTULO 7	65
PROGRAMA DE ATENÇÃO E ORIENTAÇÃO AO ALUNO (PROATO): UM OLHAR HUMANIZADO AO ALUNO DO ENSINO SUPERIOR	
Analice Oliveira Fragoso Sheila Carla de Souza Rinaldo Molina	
DOI 10.22533/at.ed.6201928057	

CAPÍTULO 8	73
MULHERES QUE SE DESTACARAM NA HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Jane Cleide de Almeida Cordeiro	
Kátia Maria de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.6201928058	
CAPÍTULO 9	88
ACESSIBILIDADE ATRAVÉS DA ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA URCA	
Francisca Raquel Miguel de Sousa	
Francisca Nailene Soares Vieira	
Martha Milene Fontenelle Carvalho	
David Soares Vieira	
Rosane Santos Gueudeville	
Isac Vieira Leite	
DOI 10.22533/at.ed.6201928059	
CAPÍTULO 10	97
APLICAÇÃO MÓVEL COLABORATIVA PARA DISSEMINAÇÃO DE SINAIS E INTEGRAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	
Erika Patrícia Martins Ferreira	
Crysthian Fhylype Ribeiro Marinho	
Eveline de Jesus Viana Sá	
DOI 10.22533/at.ed.62019280510	
CAPÍTULO 11	104
A (RE) CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE LIBRAS/L1 NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ana Letícia de Almeida Cordeiro	
Josinete Pessoa Nunes	
Niédja Maria Ferreira de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.62019280511	
CAPÍTULO 12	115
INCLUSÃO DIGITAL - INFORMÁTICA PARA A 3ª IDADE	
Bruna Cristina de Albuquerque Sebold	
Felipe Souza Davies	
Marcelo Nepomoceno Kapp	
DOI 10.22533/at.ed.62019280512	
CAPÍTULO 13	122
JOGOS COOPERATIVOS DE INCLUSÃO BILÍNGUE: ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NA ESCOLA DE ENSINO REGULAR PARA ALUNOS COM SURDEZ	
Maria de Lourdes Leite Paiva	
Robéria Vieira Barreto Gomes	
Querem Hapuque Monteiro Alves Muniz	
Raquel Araújo Pompeu	
DOI 10.22533/at.ed.62019280513	

CAPÍTULO 14 133

NUSOEP: NÚMEROS, SÍMBOLOS, OPERAÇÕES E EQUAÇÃO DO PRIMEIRO GRAU. UM KIT EVOLUTIVO PARA DE MATEMÁTICA PARA DEFICIENTES VISUAIS

Kíssia Carvalho
Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Marcos Antônio Petrucci de Assis
José Nunes Aquino
Luciene do Carmo Santos

DOI 10.22533/at.ed.62019280514

CAPÍTULO 15 144

O USO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE ALUNOS SURDOS

Bruna Ismaela Cunha Silva
Thayse Lopes dos Santos
Niédja Maria Ferreira Lima
Conceição de Maria Costa Saúde

DOI 10.22533/at.ed.62019280515

CAPÍTULO 16 152

PROJEÇÃO CILÍNDRICA ORTOGONAL: UMA APRENDIZAGEM EM UM AMBIENTE VIRTUAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA SURDOS

Natana Souza da Rosa
Vania R. Ulbricht

DOI 10.22533/at.ed.62019280516

CAPÍTULO 17 168

QUEM GANHOU O JOGO? ANÁLISE DE UM LIVRO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO

Andréa Paula Monteiro de Lima
Dayse Bivar da Silva
José Mawison Cândido de Lima

DOI 10.22533/at.ed.62019280517

CAPÍTULO 18 180

TECNOLOGIA ASSISTIVA DE BAIXO CUSTO COMO COLABORAÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO

Maria de Lourdes Leite Paiva
Francisca Janaína Dantas Galvão Ozório
Raquel Araújo Pompeu
Robéria Vieira Barreto Gomes
Maria José Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.62019280518

CAPÍTULO 19 191

A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA NO DESVELAR DA CRIANÇA COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA PROMOÇÃO E FAVORECIMENTO DE PRÁTICAS SOCIAIS E AMBIENTAIS

Dilma Costa Nogueira Dias
Mônica de Nazaré Carvalho
Daniel Sulyvan Santana Dias
Anderson Costa Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.62019280519

CAPÍTULO 20	198
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM DESAFIO PARA FAMÍLIA, ESCOLA E EDUCADORES	
Miriam Paulo da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.62019280520	
CAPÍTULO 21	209
FAMÍLIA E ESCOLA: DESAFIOS À PARTICIPAÇÃO, INCLUSÃO E ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM	
Osicleide de Lima Bezerra	
Geraldo Alexandre de Oliveira Gomes	
Ana Paula Taigy do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.62019280521	
CAPÍTULO 22	221
O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NUMA PERSPECTIVA AFETIVA	
Marciel Carlos de Sousa	
Francisco Roberto Diniz Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.62019280522	
CAPÍTULO 23	232
O PROCESSO DE INTERVENÇÃO NO ÂMBITO DO AEE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM FOCO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Acreciana de Sousa Melo	
Fernanda Maria da Silva Cardeal	
Francisca Nailene Soares Vieira	
Martha Milene Fontenelle Carvalho	
Rosani de Lima Domiciano	
Sâmia Maria Lima dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.62019280523	
CAPÍTULO 24	241
PERFIL EDUCACIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES ADICTOS ASSISTIDOS PELA SAÚDE MENTAL NA PARAÍBA, BRASIL	
Angélica Vanessa de Andrade Araújo Lira	
Évelyn Morgana de Mélo Alves	
Rayssa Pereira de Souza	
Clésia Oliveira Pachú	
DOI 10.22533/at.ed.620192805224	
CAPÍTULO 25	251
REDE DE APOIO A INCLUSÃO ESCOLAR: O QUE DIZEM AS MÃES DE DUAS CRIANÇAS AUTISTAS	
Camila Pimentel Machado Gonçalves	
Suelene Regina Donola Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.620192805225	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	266

REDE DE APOIO A INCLUSÃO ESCOLAR: O QUE DIZEM AS MÃES DE DUAS CRIANÇAS AUTISTAS

Camila Pimentel Machado Gonçalves

Universidade de Taubaté, Mestrado profissional em Educação.

Taubaté – SP

Suelene Regina Donola Mendonça

Universidade de Taubaté, Mestrado profissional em Educação.

Taubaté – SP

RESUMO: O presente artigo é parte de uma dissertação intitulada “Rede de Apoio e Habilitação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais: uma possibilidade para o desenvolvimento de alunos Autistas”, no Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté. O objetivo deste trabalho é socializar as perspectivas de duas mães sobre a importância de uma Rede de Apoio a Inclusão no processo de inclusão de seus filhos autistas em uma escola municipal de uma cidade do Litoral Norte Paulista. Para coleta de dados, utilizou-se como instrumento entrevistas semiestruturadas realizadas individualmente com as mães. Seguindo-se a abordagem qualitativa, utilizou-se o software *Iramuteq* para a organização dos dados em Categorias, os quais foram posteriormente analisados pela pesquisadora, a partir da leitura e releitura dos relatos a luz dos estudos desenvolvidos principalmente

pelos autores Vygotsky, Buscaglia e as Leis, decretos e documentos que trazem diretrizes para a Educação Inclusiva. Após a utilização desta ferramenta, foram elencadas cinco Categorias, respectivamente nomeadas como: “A descoberta e o Luto”, “Aceitação”, “Características”, “Os Desafios” e “Possibilidades e Conquistas”. Por intermédio das análises realizadas, desvelou-se na percepção dessas mães que as crianças já adquiriram uma melhora expressiva no seu processo comunicativo verbal e não verbal, as crianças já interagem às suas maneiras, as condutas agressivas diminuíram consideravelmente e diariamente e nos seus ritmos aprendem. As mães assumem, com amor, uma condição de dedicação exclusiva na luta por direitos e tem na escola uma possibilidade para o desenvolvimento de seus filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Rede de Apoio. Relato de mães. Inclusão de crianças autistas. TEA.

ABSTRACT: The present article is part of dissertation in which the title is “Support network and enabling students with special educational needs: a possibility for development for autistic students”, in the masters professional program in education of University of Taubaté. The aim of this study is to socialize the perspectives of two mothers about the relevance of the support network for inclusion in the process of their children taking in a public school in a city located

in the North East Coast of the state of São Paulo. To collect the data semistructured interviews were qualitative approach the software used was *Iramuteq* to organize the data in different categories which were all analyzed by the researcher right after, since the reading and re-reading on the light of the reports of the studies developed by the authors, Vygotsky, Buscaglia and the laws, decrees, and documents that bring directions to the inclusive education. Right after the use of this tool all five categories named as: “The discovering and the mourning”, “Acceptation”, Characteristics”, “The Challenges” and “Possibilities an achievements”. Throughout the analysis it was brought to light that in the perception of the mothers the children have already acquired a great increase in their verbal and non-verbal communication, the children interact in their own particular way, the aggressive behavior has considerably decrease and daily an in their own pace they learn. The mothers assume this role in their lives with love and exclusive dedication in the fight for rights and the school is the possibility for the children’s development.

KEYWORDS: Support Network, Mothers Report, Inclusion of autistic children, TEA.

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento intitulada “Rede De Apoio e Habilitação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais: uma possibilidade para o desenvolvimento de alunos Autistas” que tem como objetivo analisar as contribuições da Rede de Apoio e Habilitação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais, no desenvolvimento de dois alunos com Transtorno do Espectro Autista de uma escolar municipal de um município no Litoral Norte Paulista.

Esta Rede de apoio funciona em regime de colaboração com a Escola para a efetivação das práticas inclusivas e o desenvolvimento escolar dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades. Nos anos de 2017 e 2018, anos que a pesquisa foi desenvolvida esta Rede de acordo com os dados disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação, tem em funcionamento oito projetos, sendo eles, o Atendimento Educacional Especializado; o Projeto Escola Bilíngue (LIBRAS e Português); O Espaço de Intervenção Especializado (EIE) – local onde são realizadas as intervenções terapêuticas educacionais especializadas com oferta de atendimentos, orientações e projetos aos alunos e pais nas áreas de: Psicologia, Terapia Ocupacional, Serviço Social e Fonoaudiologia; A Assessoria especializada, onde os especialistas do EIE visitam semanalmente as escolas, para observação dos alunos, orientação a professores e equipe técnica, orientação aos pais e articulação com outros segmentos da rede pública como conselho tutelar, unidades básicas de saúde, esporte; projeto em parceria com a Primeiríssima Infância para rastreio de atraso no desenvolvimento de alunos de até três anos dos Centros de Educação Infantil; O Transporte Adaptado – Serviço de transporte adaptado para alunos com deficiência física (cadeirantes) ou mobilidade reduzida (de acordo com a lei 13.146/15) para os trajetos: casa-escola ou casa-atendimentos; Saúde na escola –

projeto que visa a prevenção e acompanhamento da saúde mental, auditiva e visual dos alunos da rede municipal, através da oferta de consultas em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde; apoio escolar – atuação de estagiários de pedagogia para apoio de alunos com necessidades educacionais especiais, sintonizada aos planos de aula e ao professor regente.

Diante desta realidade desta significativa variedade de projetos e visto que Bastos (2012) em suas pesquisas sobre a inclusão de crianças autistas afirma que muitas dessas crianças são excluídas do ensino regular por não encontrarem dentro da escola um lugar que leve em conta sua subjetividade para além dos sintomas fez-se necessário entender qual a contribuição desta Rede no processo de inclusão de duas crianças autistas.

A REALIDADE: O DELINEAR METODOLÓGICO

Realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo, configurada como um estudo de caso de dois alunos com Transtorno do Espectro Autista matriculados em uma escola municipal em uma cidade no litoral norte paulista. Neste estudo o processo de inclusão escolar de dessas crianças foi relatado sob a perspectiva de suas mães. Essas mães se dispuseram a contribuir com esta pesquisa, narrando o processo de descoberta do TEA e todos os desdobramentos decorrentes do processo de inclusão de seus filhos na escola. Com base em um roteiro, que permitiu adaptações necessárias para melhor compreensão do processo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas que abordaram questões referentes ao diagnóstico, sentimentos, o acolhimento na escola, os desafios e sobre a importância que estas mães atribuem a Rede de Apoio a Inclusão no processo de inclusão de seus filhos. O caráter exploratório e descritivo do estudo teve como base não apenas os relatos produzidos nas entrevistas, mas também observações das reações das entrevistadas (incluindo hesitações, emoções, silêncio) que de acordo com Lahire (1997) é necessário considerar as particularidades dos processos para compreender uma realidade de modo mais claro, ou seja, olhar mais de perto o que está acontecendo.

Nesta realidade o sistema de ensino municipal tem a ele articulado uma Rede de Apoio a Inclusão, que funciona em regime de colaboração para a promoção de práticas e estratégias inclusivas. A proposta deste artigo é de socializar os relatos dessas mães sobre suas concepções pessoais a respeito das possibilidades e desafios de uma Rede de Apoio para a inclusão de seus filhos na escola. As duas mães entrevistadas foram identificadas respectivamente como Mãe_André (Mãe da criança nomeada por André) e Mãe_Caio (Mãe da criança nomeada por Caio). As crianças foram nomeadas de maneira fictícia para preservação do sigilo previsto nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE). Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas e para organização dos dados, utilizou-se o software *IRAMUTEQ*, que organizou em categorias.

Por meio deste software é possível realizar diferentes processamentos e análises estatísticas de textos produzidos, conforme Kamil et.al. É importante ressaltar que o uso do *software* não é um método de análise de dados, mas sim uma ferramenta que permite o processamento automático dos dados, portanto, não conclui essa análise, sendo essencial que o pesquisador com base no seu referencial teórico interprete esses dados para uma análise responsável e que preserve a singularidades dos participantes. Nesta pesquisa, para o processamento dos dados utilizou-se o processo de Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Dessa forma, a partir das palavras mais frequentes presentes nos segmentos de textos, realizou-se a análise das palavras em seus contextos. Como resultado foram elencadas cinco Categorias, que posteriormente foram analisadas e nomeadas como: “A descoberta e o Luto”, “Aceitação”, “Características”, “Os Desafios” e “Possibilidades e Conquistas”.

A seguir serão socializados os resultados das análises dos relatos das mães.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Categoria 1 – “A descoberta e o Luto”

Os relatos que mais emergiram nesta Categoria foi o da Mãe de André, que a tornou ainda mais significativa, visto que diferentemente de Caio, André teve sua hipótese diagnóstica na Rede, iniciando seus atendimentos antes do diagnóstico médico.

As palavras mais representativas desta categoria foram: querer, Especialista_AEE, tempo, bem, procurar, seletividade, problema, moço, lindo, não, maravilhoso, começar, sobrar, focar, escrever, ajuda, gostar, comer, maior, assistir, amar, início e comer.

Esta categoria evidenciou o que o momento da descoberta do Transtorno, foi um momento de muita dor, entre o “não-querer” ter o filho com Autismo e a busca incessante por apoio e acolhimento.

A mãe de André relatou a decepção frente a hipótese diagnóstica levantada pela professora. Ao lembrar esse momento, esta mãe não conseguiu segurar as lágrimas, como se o vivesse novamente. Buscaglia (2002) afirma em suas pesquisas com famílias, que uma deficiência não é algo que alguém deseje, e ainda não existem razões para se crer do contrário.

Conforme relato, André foi encaminhado para avaliação da psicóloga da Rede de Apoio a Inclusão, durante a Educação Infantil, especificamente no Maternal II.

Entre o período do encaminhamento ao contato da Psicóloga da Rede com os responsáveis por André, a mãe foi chamada na escola para uma conversa com a Professora. Na conversa esta profissional sugere a mãe que seu filho é Autista “*Então, você assiste a novela? Você sabe? É tipo aquilo ali*” (relato da Mãe de André referente a fala da professora). Diante desta fala, a mãe relata seu desespero e seus

questionamentos *“Onde o meu filho é autista? [...] o que é que eu faço agora?”* *“em lágrimas, e eu não aceitava o autismo [...]”* (Mãe de André). A professora ao tentar explicar equivocadamente o que era o Transtorno do Espectro Autista, referiu-se a novela *“Amor a vida”* que foi exibida no ano de 2013, especificamente a personagem *“Linda”* que era Autista, o que provocou na mãe grande desespero. Cunha (2014) em suas pesquisas afirmou que muitos casos de autismos são percebidos primeiramente na escola por seus professores e cuidadores, e considera muito importante esta observação, porém deve existir sensibilidade, respeito, e empatia, se colocar no lugar do outro falando da forma correta e profissional.

Diferentemente Caio chegou a Cidade_Pesquisada em processo de diagnóstico junto a um Neurologista da Cidade_vizinha. Sua família sem recursos para os atendimentos que seus filhos iriam necessitar, visto que Caio era gêmeo e seu irmão também vivenciava este mesmo processo diagnóstico buscaram emprego na Cidade_Pesquisada, A mãe de Caio num emocionante relato sobre o processo de diagnóstico dos filhos relata que *“[...] na escola já foram me pedindo pra eu pegar e procurar ajuda pro meu filho e levar pra APAE, então assim, é parte de todo meu sofrimento [...]”*, em decorrência desse pedido da escola da Cidade_vizinha essa família na *tentativa de buscar soluções para ajudar seus filhos muda-se para Cidade_pesquisada, [...] “eu vim em 2014 com meu marido com uma proposta de trabalho e eu com meu serviço duas vezes por semana e começou toda minha luta porque quando eu cheguei aqui no início foi bem difícil”* (Mãe de Caio). As autoras Smeha e Cezar (2011) afirmam que *“Os pais anseiam pela criança perfeita e saudável porque encontram no filho a possibilidade de concretizar seus sonhos e ideais; e quando o filho possui alguma limitação significativa, suas expectativas se fragilizam”* [...] (p.2), dessa forma não é fácil deparar com um diagnóstico, inesperado. E aceitar, torna-se de fato um dos grandes desafios.

A palavra *“querer”* aparece nos relatos das mães de duas formas diferentes, relacionados ao querer auxílio e ao querer *“não-aceitar”*. Um momento de dualidades de natureza de emoções, questionamentos conforme esclarece o relato da Mãe de André *“[...] eu tinha vergonha, eu achava assim como que eu coloquei no mundo? [...] um filho doente? eu não quero, eu sofri muito, eu, sabe? Porque eu achava, o problema era eu, não ele e também eu não enxergava ele porque eu não queria?”*. Buscaglia (2005) em suas pesquisas afirma que os pais dificilmente se encontram preparados para enfrentar o conhecimento de que seu filho talvez tenha que viver com uma deficiência por toda a vida, a qual poderá impor limitações.

Nesta categoria emergem nos relatos das mães o respeito e acolhimento recebidos da Especialista do AEE que mediou situações como a agressividade, a seletividade alimentar das crianças para que estas se sentissem melhores na escola. As falas de ambas as mães legitimam que esta especialista as acolheu afetuosamente, se preocupou além da sala de aula corroborando com a afirmação de Vygotsky (1984) que a unidade cognição-afeto dá sustentação à aprendizagem.

Categoria 2 – Aceitação

As palavras mais representativas desta categoria foram: olhar, mãe, lembrar, vez, falar, brincar, até, menino, mundo, ouvir, mercado, tio, junto, pessoa, lado, crise, chegar, pegar ver, virar, roupa, entrar, problemão, buscar e autista.

Nesta categoria os momentos de dor, angústia e tristeza dão lugar a força e a luta. A Mãe de André após o episódio traumático frente a possibilidade de TEA do filho, solicitou mais informações e foi encaminhada pela Psicóloga, para um dos Projetos que compunham a Rede “Escola para Pais”- Projeto este que tinha como objetivo a troca de experiências entre as famílias das crianças que estavam elegíveis ao quadro de Necessidades Educacionais Especiais desta Rede.

Estes encontros possibilitaram a ambas as mães identificação entre elas, a troca de experiências, percebendo assim que não eram as únicas a vivenciarem essa situação. A mãe de André em um relato emocionado e cheio de amor afirma que *“Eu que tinha, eu que era doente, sabe? Não era o meu filho, era eu e é tanto assim pra mim que depois que eu me libertei ah que tá aqui e acabou, que eu não enxergava quando parece que o menino apareceu do nada e disse “mãe eu to aqui”, eu sou autista e ponto!”*(Mãe de André).

A mãe afirma que a partir desses atendimentos assume um papel na luta pela a efetiva inclusão de seus filhos, o que não diferiu em nada da Mãe de Caio. As mães eram atendidas uma vez por semana por esta psicóloga no grupo e atribuem a ela a aceitação do diagnóstico, *“[...] ela me fez olhar para o menino”* (Mãe de André).

Mesmo com a Rede de Apoio a Inclusão a luta pelo direito de seus filhos era constante, o desafio apresentado nesta categoria foi a falta de ADI (Auxiliar de Desenvolvimento Infantil). *“O André ele precisa de alguém e quando eu chegava pra ela, olha professora,[...] eu fui buscar o André porque ele fez xixi na roupa, eu fui buscar o André porque ele fez cocô na roupa, não foi uma vez só, [...] ele precisa de ADI... (Mãe de André).* E continua o pedido que fez esta mãe a professora a respeito das dificuldades do filho e sua necessidade de ter um acompanhante terapêutico, e a resposta que obteve da professora foi *“olha eu tenho um problemão porque é a primeira vez que eu to pegando um autista, nunca lidei com esse tipo de pessoa”* (Mãe de André referente ao relato da professora de seu filho). A mãe continua seu relato e afirma que a relação entre a professora e a criança era afetuosa, porém sem dúvida, essa afirmação esta carregada de “pré-conceitos” e insegurança frente ao novo. De acordo com Rey (2011) “O ensino é inclusivo não por aceitar crianças com limitações, mas por criar um espaço subjetivo e social que permita que crianças diferentes se encontrem e sejam capazes de compartilhar as suas atividades” (p. 60). E complementa dizendo que “no desenvolvimento desse processo, a força, vitalidade e criatividade do professor são aspectos importantes” (REY, 2011, p.60). Bueno (2011) ressalta a importância da formação dos professores, aqui incluindo também especialistas, para o processo de inclusão escolar dos alunos com NEE. Além de importante esse é um dos

aspectos que foram apresentados na Lei 12.764, que traz como diretrizes “o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis”; contudo esta redação falha, pois o vocábulo *incentivar* pode ser entendido de várias maneiras, o incentivo financeiro, o incentivo motivacional, não garantindo este a real necessidade que é o de proporcionar a formação adequada, fazendo com que muitos governos não priorizem em suas agendas essas ações, necessitando portanto da sociedade organizada para mobilizar a realização de políticas públicas. Como é o caso do referido município que em novembro de 2017 instituiu A Política Municipal de Atendimento às Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo que de acordo com seu Art. 3º apresenta as diretrizes que preconizam a Promoção, Proteção e Integração através de programa educacional individualizado; Informações aos profissionais da área de saúde e educação sobre manejos para a interação de indivíduos autistas e treinamento os pais de pessoas autistas. A Lei Municipal não será aqui citada para preservar o sigilo garantido pela pesquisadora à Secretaria Municipal local da pesquisa. A instituição desta Lei foi uma grande conquista neste município.

Categoria 3 – Características

As palavras mais representativas desta categoria foram: jogar, bater, ficar, casa, normal, explicar, voltar, frente, via, chorar, hora, igual, boca, bebê, hospital, sair, criança, nervosa, canto, passar, jogo, vergonha, contato e quase.

As mães no início relatam que não percebiam as características de seus filhos que, não acompanhavam um “padrão de desenvolvimento típico”. Foi a partir da hipótese diagnóstica que ambas rememoram alguns aspectos que desde tenra idade as crianças já apresentavam como, por exemplo, o que diz a mãe de Caio [...] *ele era um bebê perfeito, ele não chorava, ele não pedia pra amamentar, ele não tinha contato visual*”, porém só percebeu esta característica com a entrada de seu filho na escola e continua seu relato [...] *“Quando ele fez um aninho que ele foi pra escola, ele mudou totalmente, [...] ele não interagia, ele já empilhava tudo os legos em sequência, [...] tudo que ele ficava nervoso, ele batia a cabeça na parede”*. (Mãe de Caio).

Já a mãe de André relata que seu filho [...] *“sempre preferiu ficar no cantinho na hora de brincar também, ele sempre ficava sozinho e na fala, que ele não falava, ele falava assim: mais, mama, água, essas coisas de bebê e ele já tinha dois anos e pouco”*. A partir do diagnóstico as características típicas da criança com Transtorno do Espectro Autista começaram a ser percebidas pelas mães, que buscaram auxílio médico e na Rede de Apoio, modificando assim a forma destas mães estarem no mundo. Para Vygotsky (1984), qualquer deficiência, seja ela física ou mental, modifica a relação do homem com o mundo e influencia as relações com as pessoas, mas todo seu entorno, principalmente sua família. Vale ressaltar que, incluir alunos com TEA em turmas regulares ainda é um assunto muito delicado no Brasil dadas as peculiaridades do transtorno, tornando-se um grande desafio para a Educação (TOGASHI; WALTER,

2016). Como é o caso de Caio que de acordo com lembrança relatada pela mãe sobre o primeiro dia de aula de seu filho, [...] *“porque quando o primeiro dia de aula meu filho entrou não teve interação nenhuma, aí [...] a escola mandava voltar por causa que ele jogava todos os bancos.”* (Mãe de Caio) Além do comportamento agressivo, consigo e com os outros de Caio, outra característica que necessitava de cuidados e articulação com a Secretaria da Saúde é o fato desta criança ter convulsões, principalmente quando estava nervoso e necessitar de medicamentos que diminuíram significativamente suas incidências. Diante disto disponibilizar um profissional para ficar com a criança, é fazer valer o que é preconizado na Lei 12.764 em seu parágrafo único “Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas Categorias comuns de ensino regular, [...] terá direito a acompanhante especializado” (BRASIL, 2012). É importante ressaltar que esta Lei é uma grande conquista para a sociedade e teve um caminho distinto, partindo de representantes da sociedade civil organizada, interessados na pauta do autismo, principalmente os pais autistas que de acordo com Lacerda (2017) “procuraram os políticos legalmente investidos da representação coletiva, lhes apresentaram a proposta de legislação e executaram uma campanha pública pela aprovação da Lei” (p.7). Ainda de acordo com Lacerda (2017) no caso do Brasil é preciso levar em conta que nas salas de aula encontram-se um grande número de estudantes, um arranjo educacional ainda arcaico e com pouca estrutura, dificultando assim o processo de inclusão. “Tudo isso reforça proposta que a inclusão escolar deve se dar com o apoio de um segundo profissional em sala de aula para auxiliar o processo” (LACERDA, 2017, p.4). Uma conquista sem, porém devendo ser questionados dois importantes aspectos, o de quais são as necessidades que devem comprovadas para que o aluno Autista tenha um acompanhante em sala? E que especialidade este profissional deve ter? Neste sentido em 21 de março de 2013, a Nota Técnica 24

No art. 3º, parágrafo único, a referida lei assegura aos estudantes com transtorno do espectro autista, o direito à acompanhante, desde que comprovada sua necessidade. Esse serviço deve ser compreendido a luz do conceito de adaptação razoável [...] A organização dos serviços de apoio deve ser prevista pelos sistemas de ensino, considerando que os estudantes com transtorno do espectro autista devem ter oportunidade de desenvolvimento pessoal e social, que considere suas potencialidades, bem como não restrinja sua participação em determinados ambientes e atividades com base na deficiência. No processo de inclusão escolar dos estudantes com transtorno do espectro autista é fundamental a articulação entre o ensino comum, os demais serviços e atividades da escola e o atendimento educacional especializado – AEE. (BRASIL, MEC, 2013)

Sendo assim, conforme Lacerda (2016) garantir a estes estudantes os recursos possíveis condizentes com o conceito de adaptação razoável é uma obrigação pedagógica e legal.

Categoria 4 – Desafios

Algumas das características e dificuldades mais evidentes que as crianças apresentaram na escola, foram aqui explicitadas, diante disto, ainda é impreciso o conhecimento da real capacidade intelectual dessas crianças, “em parte devido às dificuldades em graus variados que eles apresentam nas áreas da comunicação, interação social recíproca, imaginação e comportamento, comprometendo de forma mais ou menos ampla sua capacidade adaptativa ao meio [...]” (JORGE, 2003, p. 21). É importante trazer um aspecto relevante para início das análises dessa categoria, sendo ele o grau de cada criança. André Autista grau leve necessitando, portanto, de pouco apoio e Caio Autista grau moderado necessitando de mais apoio (APA, 2013). Quanto maior o grau, maior é a necessidade de apoio, sendo assim maior o desafio. Diante disto nesta Categoria os discursos que predominam são os da Mãe de Caio.

As palavras que emergiram nesta Categoria foram: grande, trabalhar, município, intervenção, tão, ganho, cor, aula, pele, conquista, busca, profissional, setor, precisar, dentro, conseguir, gente, melhor, mal, capacitação, certo, hoje, resistência e pedido.

O primeiro desafio a ser superado, que emergiu nos relatos, para um atendimento integral da criança apresentado por uma das mães foi a falta de intersetorialidade entre saúde e educação [...] *“acontece assim a educação, a saúde e a instituição de apoio eles atendem as mesmas pessoas, mas eles não cruzam a mesma conversa”*. (Mãe de Caio) e complementa ressaltando a necessidade de todos para o desenvolvimento de seu filho. Nesse sentido, vale aqui ressaltar que esta intersetorialidade é uma das diretrizes da Lei 12.764, que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, em seu Artigo 2º Art. preconiza a importância da “intersetorialidade no desenvolvimento das ações e das políticas e no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista” (BRASIL, 2012). Resolver esta questão, conseqüentemente passa a ser a efetivação de um direito preconizado por esta Lei. Outro desafio pelas mães é a disponibilização de diferentes estratégias para a melhora dos comportamentos que impedem a inclusão efetiva de seus filhos [...] *“nossos filhos precisam da intervenção comportamental. [...] Dá certo agora, aí na primeira crise que a criança tem vai tudo embora pelo ralo”* [...] (Mãe de Caio). Neste relato fica evidente que esta mãe, vê no comportamento o grande desafio a ser superado e por isso busca estratégias e possibilidades para que a inclusão ocorra efetivamente na escola e conseqüentemente na vida.

A mãe de André relata sobre a intervenção comportamental que na Cidade pesquisada, *“Então hoje pra mim é algo que eu assim, é a nossa busca aqui dentro do município é a intervenção comportamental”*. A Mãe de Caio quase que num complemento, emocionada diz *“meu filho precisa com urgência de uma intervenção comportamental eu não vou aturar o resto da vida [...] É a sociedade que vai levar nossos filhos aonde depois que a gente morrer? Essa é minha luta em função deles”*. (Mãe de Caio)

A escola sozinha não consegue atender todas as demandas necessárias para a inclusão de crianças autistas, por isso a Lei prevê a intersetorialidade, pois se entende aqui que se o comportamento desta criança afeta seu desenvolvimento na escola, é necessário que estratégias sejam proporcionadas, seja ela o ABA, a Terapia Comportamental Cognitiva ou qualquer uma que tenha evidências para o atendimento com crianças autistas. As mães também nos relatos afirmam que gostariam que seus filhos aprendessem a ler, porém não avançaram muito nesse aspecto. Sendo este de fato outro desafio, o da aprendizagem.

Categoria 5 – A Rede: Possibilidade e Conquistas

Nesta categoria os relatos de ambos emergiram proporcionalmente iguais. O que corroborou para a hipótese do trabalho, do qual esse artigo é parte, de que esta Rede de Apoio contribui para o desenvolvimento dessas crianças autistas.

As palavras mais representativas desta categoria foram: TO (Nome dado especificamente à Terapeuta Ocupacional – que atende), Psicóloga, Fono (Nome dado especificamente à especialista que atende as crianças), Espaço de Intervenção Especializado, Instituição de Apoio, Semana, Sala de Recursos, Atendimento, Vaga, Época, Terapia, tempo, bem, procurar, seletividade, problema, moço, lindo, não, maravilhoso, começar, sobrar, focar, escrever, ajuda, gostar, comer, maior, assistir, amar, início e comer. Esta Categoria evidenciou o que o momento da descoberta do Autismo, foi um momento de muita dor, entre o “não-querer” ter o filho com Autismo e a busca incessante por apoio e acolhimento. Nesta perspectiva as ideias das autoras convergem com a premissa defendida neste projeto, sobre a importância de um trabalho articulado em rede para a efetivação da inclusão. Acredita-se que um Sistema Educacional Inclusivo, é um sistema que deve investir na capacidade, nas habilidades, possibilitando estratégias que permitiram aos alunos sua progressão contínua. Diante desses relatos aqui apresentados é possível ver que de fato esta inclusão ainda não acontece em sua plenitude, porém muito já se avançou. Fato este comprovado através das falas de ambas as mães que

Togachi e Walter (2016) comparam o processo da inclusão escolar a um jogo de quebra-cabeça. Quando o mesmo se encontra desmontado dentro da embalagem, com suas peças soltas e misturadas, fica difícil perceber a falta de alguma delas, caso haja, pois são muitas e todas semelhantes entre si. Assim que o jogo é montado e organizado, poderá ser percebida uma falha, um buraco no conjunto do quebra-cabeça. Assim deveria ocorrer a inclusão escolar, onde cada peça é fundamental para o conjunto da obra e todas juntas se encaixam. (TOGASHI; WALTER, 2016, p. 14). Pensando esta Rede como um grande quebra-cabeça, entende-se ser necessário que o sistema de ensino tenha articulado entre si, uma diversidade de serviços, ofertados organizadamente pelos profissionais como: psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, enfim uma equipe multidisciplinar, que deem suporte as ações pedagógicas, fazendo com que as

diferenças sejam respeitadas, para que os alunos consigam vivenciar na escola espaços de liberdade, de respeito, de convivência.

Não, calma não é assim, a Professora não se explicou direito acho que ela ficou nervosa porque você ficou nervosa, não sei, mas aí a Psicóloga foi me explicando, aí eu fui procurar ajuda pra ele e ela já encaminharam “cê quer que eu encaminhe” e eu sim. (Mãe de André)

De acordo com o encaminhamento as queixas apontadas foram: a agressividade da criança com seus colegas durante o brincar espontâneo, a preferência por brincar sozinho, a mudança de humor repentina, a falta de contato visual, fala incompreensível e o medo excessivo de barulhos altos. Frente a estas características a professora contactou a mãe para que viesse a escola para conversar. Simultaneamente a escola por intermédio de sua coordenação, já havia feito um contato com a psicóloga da Rede solicitando orientação e a possibilidade de visitas para a observação André.

André foi encaminhado pela professora para avaliação da Psicóloga da Rede de Apoio a Inclusão sendo incluído no quadro de NEE da Rede, encaminhado para avaliação neurológica na Rede da Saúde e também para Atendimento Terapêutico Ocupacional no ERIE, em novembro de 2013, iniciando os atendimentos em março de 2014, conforme relatório elaborado pela equipe da Rede de Apoio.

A mãe se recorda que foi encaminhada imediatamente para um dos projetos que é apresentado no folder da Rede, Escola de Pais. Lá, aconteciam Terapias em Grupo principalmente com os pais e familiares das crianças em fase de descobrimento diagnóstico. Conforme relatado esses momentos disponibilizados pela a Rede auxiliaram muito o processo de entendimento e aceitação, pois a resistência, o medo, a ansiedade eram muitos. Foi o primeiro respaldo, acolhimento que esta mãe teve, frente ao medo do novo.

Sim porque foi conversando, foi a Vera_Psico me ajudando, aí que eu fui entendendo eu falei “não, hoje aceito, cuido muito bem, corro atrás de tudo que eu não tenho direito, do que eu tenho direito [...]” (Mãe André)

[...] eu falava assim “meu Deus, tudo bem, eu vou trazer meu filho, eu vou trazer em vão porque eu sei que ele não tem nada” porque na verdade não era eu, eu não queria que ele fizesse, eu falava assim “eu tive um filho com problema?(Mãe de André)

É importante ressaltar que “Um pai e uma mãe é, em primeiro lugar uma pessoa” (BUSCAGLIA, 2002) e por isso devem ser acolhidos, respeitados e entendidos, ainda de acordo com Buscaglia (2002) uma deficiência não é algo que alguém deseje, e ainda não existem razões para se crer do contrário.

No caso de Caio foi diferente, a mãe diante do nascimento de sua filha caçula necessitou de auxílio no resguardo, uma amiga enfermeira ofereceu ajuda e percebeu que seu filho (um dos gêmeos) não tinha mantinha contato visual e apresentava traços

autísticos.

É ele era um bebê perfeito, ele não chorava, ele não pedia pra amamentar, ele não tinha contato visual, ai uma amiga minha que é enfermeira do Hospital das Clínicas, ela me ajudou, é, na época né, minha mãe não pôde me ajudar no resguardo dai ela foi em casa, ela ia sempre, ai um dia ele com sete pra oito meses, ela virou pra mim e falou assim: - "Mãe_Caio ele é autista!.(Mãe de Caio)

E continua...

[...] quando ele fez um aninho que ele foi pra escola, ele mudou totalmente, daquele bebê perfeito, ele não interagia, ele já empilhava tudo os legos em sequência, ele tinha jogos em casa, ai tudo que ele ficava nervoso ele batia a cabeça na parede. (Mãe de Caio)

Caio teve seu diagnóstico conforme relato da mãe por volta dos dois, três anos, no ano de 2012 e a família como apresentado na categoria anterior mudou-se para a Cidade Pesquisada no final de 2014, sendo matriculado no mesmo ano em um Centro de Educação Infantil.. Sendo assim, logo que foi matriculado, conforme relatório de Especialistas da agressivo, era agitado, na fala apresentava ecolalia e tinha comportamentos repetitivos.

Mesmo com o diagnóstico e avaliação datada no ano de 2014, foi somente em Maio de 2015 que Caio iniciou seus atendimentos pela Rede de Apoio, porém já era observado em espaço escolar pela Terapeuta Ocupacional, que tinha como objetivo identificar as potencialidades de Caio, para traçar estratégias para o trabalho e orientação dos professores e ADI's. Martinez, Tacca (2011) com uma abordagem teórica explicitamente histórico-cultural afirmam que para a efetiva inclusão é necessário que as pessoas sejam vistas, todas sem exceção como

Sujeitos que derivam ser pensados nas muitas possibilidades que têm para aprender e se desenvolver e assim, também, para participar da vida social de forma mais efetiva. Isso significa desobstruir os acessos e desenvolver estratégias para que o conhecimento seja produzido [...] (MARTINEZ, TACCA, s.p., 2011)

Existem pontos muito relevantes sobre a Rede e o momento do diagnóstico, que devem ser aqui apresentados. Diante dos relatos as mães afirmam que encontraram apoio e acolhimento no Projeto Escola de Pais e as terapias auxiliaram muito o enfrentamento e a aceitação do diagnóstico.

[...] faço tudo o possível, tudo, tem que ir na prefeitura? vamos pra prefeitura, vamos bater panela? vamos bater panela, to lá e não tenho vergonha, ponho na internet, ponho não sei aonde, não é vergonha. Eu que tinha, eu que era doente, sabe? Não era o meu filho, era eu e é tanto assim pra mim que depois que eu me libertei ah que tá aqui e acabou, que eu não enxergava quando parece que o menino apareceu do nada e disse "mãe eu to aqui, eu sou autista e ponto!"(Mãe André)

Infelizmente este projeto como explicado anteriormente, na categoria acima, não

está mais em funcionamento, devido a falta de profissionais, por conta do aumento da demanda de crianças com NEE. Mesmo com o importante valor atribuído a ele pelos pais, pois conforme relato da mãe foi através desse auxílio que olhou para o filho e o reencontrou, ou seja, assumiu o diagnóstico do filho e o aceitou - *“mãe eu to aqui, eu sou autista e ponto!”*.

No momento do diagnóstico e no processo de mudança de ciclo, como aconteceu da Educação Infantil para o Ensino Fundamental – momento que causou grande insegurança nas crianças e em seus pais.

[...] de início foi isso que eu pedi pra ela e ela foi muito atenciosa porque sabe? Não era só ele, todas as crianças, eles ficam tudo perdido na primeira série, a primeira série é sofrido, e eu deixava lá e chorava, deixava na escola e chorava, esperando o telefone, olhava o telefone de minuto em minuto pra ver se alguém tinha me ligado e eu não ouvi, não tinha escutado mas a Adriana_AEE foi maravilhosa, até agora ela faz excelente [...] (Mãe de Caio)

Estes acolhimento e suporte são sentidos pelas mães que tiveram e têm, principalmente na especialista do AEE, uma referência imediata para auxiliar seus filhos na escola – o elo principal entre a mãe, a escola e os especialistas.

Um importante elemento trazido nos relatos foi a sensibilidade, o olhar humanizado e o acolhimento desta profissional, com as crianças e suas famílias indo de encontro com o que diz Burcaglia (2002) que ressalta a importância dos especialistas que trabalham direto com os pais evitarem afirmações irrevogáveis, visto que na perspectiva histórico cultural de Vygotsky o ser humano é visto como um sujeito de possibilidades.

[...] a professora da sala encaminhou o reforço, a Adriana_AEE se preocupou de não forçar ele a uma coisa que ele não quisesse fazer, que era o reforço que ele não queria. Porque ele não gosta, ele não aguenta ficar muito tempo ali na inscrita, essas coisas ele fica muito nervoso muito fácil, mas ela conversando ali com ele tudo ela conseguiu. (Mãe de Caio)

Maravilhosa, muito boa, ele entra assim “Mãe” aí eu “filho hoje é dia de ir pra alguma atividade, a gente vai pra onde?” aí ele “tia Adriana_AEE, oba!” todo feliz que ele vai pra tia Adriana_AEE” olha, Adriana_AEE é maravilhosa, ela fez, ela lapidou a pedrinha muito bem, conseguiu fazer ele se enturmar, porque o meu medo maior, o que eu pedi de início de ano pra ela nem foi assim “Adriana_AEE, faz... vamos na atividade, vamos foca em tal coisa” não, eu pedi “Márcia sabe o que eu peço. (Mãe de André)

Essas mães abdicam de seus sonhos (realização profissional, estudos...) para viver exclusivamente para cuidar de seus filhos e lutam por uma educação que realmente os prepare para a vida com autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos relatos aqui apresentados é possível perceber que para estas mães a inclusão ainda não acontece em sua plenitude, mas vem sendo construída e já

avançou significativamente neste município.

As falas de ambas as mães ressaltaram a importância de uma rede de apoio desde o diagnóstico, visto que foi através de um dos serviços “Escola de Pais” que o processo de aceitação iniciou-se. Por intermédio das análises realizadas, desvelou-se que as mães percebem melhora no processo de interação das crianças na escola, atribuem aos atendimentos prestados pelos profissionais especialistas da Rede a melhora expressiva no processo comunicativo verbal e não verbal e relatam a diminuição das condutas agressivas de seus filhos, porém enfatizam a falta de intersetorialidade no desenvolvimento das ações e das políticas e no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista no município. As mães participantes desta pesquisa assumem, com amor, uma condição de dedicação exclusiva na luta por direitos e tem na escola uma possibilidade primordial para o desenvolvimento de seus filhos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN Psychiatry Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5**. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

BRASIL, Lei Nº 12.764, de 27 de Dezembro de 2012. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: Acesso em 12/04/2017.

BRASIL, Nota Técnica Nº 24 / 2013 / MEC / SECADI / DPEE. **Orientação aos Sistemas de Ensino para a implementação da Lei nº 12.764/2012**.

BUENO, José Geraldo. **Educação especial brasileira: integração /segregação do aluno diferente**. São Paulo, EDUC/PUCSP, 1993.

BUSCAGLIA, Leo. **Os deficientes e seus pais**. Tradução Raquel Mendes. 4 ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2002.

JORGE, Lilia Maíse. **Instrumentos de Avaliação de Autistas: Revisão de Literatura**. Campinas: PUC, 2003. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2011-04-14T080552Z-1696/Publico/Lilia%20Maise%20de%20Jorge.pdf . Acesso em: 14/06/2017.

KAMIL, Maria Terumi Maruyama et al. **Trabalho no consultório na rua: uso do software IRAMUTEQ no apoio à pesquisa qualitativa**. Escola Anna Nery, v. 20, n. 3, 2011.

LACERDA, Lucelmo. **Educador ou cuidador? O acompanhante do estudante com autismo em inclusão no Brasil**. Apresentação no 1º Congresso LusoBrasileiro de TEA e Educação Inclusiva. 2017.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**. As razões do improvável. Editora Ética, 1997.

MARTÍNEZ, Albertina Mirtjáns; TACCA, **Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência**. Campinas: Alínea, 2011.

REY, Fernando L. González. Os aspectos subjetivos no desenvolvimento de crianças com necessidades especiais: além dos limites concretos do defeito. **Possibilidades de aprendizagem:**

ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência. Campinas: Alínea, p. 47-70, 2011.

SMEHA, Luciane Najar, CEZAR Pâmela Kurtz. (2011) **A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo.** Psicologia em Estudo, 16(1), 43-50. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a06v16n1>. Acesso em 12/04/2018.

TOGASHI, Cláudia Miharú; WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. **As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno do Espectro do Autismo.** Rev. bras. educ. espec., Marília, v. 22, n. 3, p. 351-366, set. 2016.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382016000300351&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25/07/2017.

VYGOTSKY, Levi. Semenovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Glaucia Wesselovicz - Bacharel em Administração (UNIÃO), Especialista em Logística Empresarial (SANTANA) e Especialista em Gestão de Projetos (POSITIVO), Conselheira do COMAD – Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas, Representante do PROPCD – Programa de Inclusão da Pessoas com Deficiência, Representante no Grupo de Gestores do Meio Ambiente dos Campos Gerais, Articuladora de Projetos Estratégicos do SESI para o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, Junior Achievement, ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável atuando a 6 anos com ações de desenvolvimento local.

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema FIEP, Conselheira do CPCE – Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-362-0

